

## **A SAGA DOS AMONDAVA:** *Da horda selvagem à desordem pré-capitalista*

**Wany Sampaio\***

**RESUMO:** Este artigo mostra uma análise de transformações sócio-político-econômicas ocorridas na sociedade indígena Amondava nos últimos anos, consideradas sob o ponto de vista da relação homem-meio; abordam-se aspectos como: a organização social do trabalho; a organização da família as relações com a sociedade não índia; a educação indígena informal versus a educação escolar indígena. Buscamos, analisar as profundas transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas entre o povo indígena Amondava, no período que compreende dos seus primeiros contatos com a sociedade não-índia, na década de 80, até os dias atuais.

**PALAVRAS – CHAVES:** Educação, Sociedade, Família, Indígena e Informal.

**ABSTRACT:** This article shows an analysis of transformations socio-political-economical occurring in indigenous society Amondava in recent years, considered in terms of human-environment relationship; cover aspects such as: the social organization of work; the organisation of family relations with society not India; indigenous informal education versus the indigenous education. We seek to analyse the profound social, political and economic change that occurred between the aborigine Amondava, understands their first contacts with the non-Indian society, in the 1980s, until the present day.

**KEYWORDS:** Education, Society, Family, Informal and Indigenous.

*"A nova mutação vinha assim se processando já nas entranhas das comunidades primitivas com a adoção de relações sociais de produção subordinadas ao comando de chefes autoritários e secundando as relações entre indivíduos ocupados em tarefas diferentes, mas articuladas pela voz do comandante".*

(FARIA, Álvaro de. *Da Babel à Comunicação*, p.143)

Este artigo mostra uma análise de transformações sócio-político-econômicas ocorridas na sociedade indígena Amondava nos últimos anos, consideradas sob o ponto de vista da relação homem-meio; abordam-se aspectos como: a organização social do trabalho; a organização da família as relações com a sociedade não índia; a educação indígena informal versus a educação escolar indígena. Buscamos, analisar as profundas transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas entre o povo indígena Amondava, no período que

compreende dos seus primeiros contatos com a sociedade não-índia, na década de 80, até os dias atuais.

Concebendo tais transformações como produto das relações dos homens entre si e dos homens com o meio, consideraremos quais instrumentos de defesa foram/são utilizados pelos membros da sociedade Amondava, tanto no plano externo - o de seu mundo nativo - como no plano interno, o sócio-cultural.

Abordaremos, assim, questões pertinentes às relações de produção, à organização do trabalho, da família e do sistema de parentesco, bem como valores da cultura em geral tais como a língua, os costumes e os mitos.

Para tanto organizamos a exposição destas reflexões em duas partes. Na primeira, forneceremos algumas informações etnológicas sobre o povo Amondava, tecendo considerações sobre sua história a partir dos primeiros contatos, baseando-nos em relatórios de antigos sertanistas, missionários e funcionários da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), bem como em relatos dos próprios índios a nós feitos durante os anos em que temos trabalhado juntos. Na segunda parte, teceremos uma breve análise das transformações ocorridas na sociedade Amondava, fundamentando-nos em documentos escritos no período de 1980 a 1997 e, principalmente, em nossas experiências de campo, a partir de 1993, quando começamos a desenvolver pesquisa lingüística junto à comunidade.

Nosso maior objetivo repousa em analisar e compreender o que faz do homem um ser tão estupendamente fantástico, que consegue sobreviver a um processo histórico - que pela ordem natural levaria milênios - reduzido a uma turbulenta década e meia; que faz do homem um ser que se supera a si mesmo, às suas próprias forças, que teima bravamente em sobreviver, adaptando-se ao mundo circundante, mesmo face às mais tremendas adversidades.

### ***Quem são os Amondava***

Os Amondava são índios Tupis, subgrupo dos povos Uru-eu-uau-uau. Vivem no Posto Indígena Trincheira, na zona leste da Área indígena Uru-eu-uau-uau, na região central de Rondônia. Atualmente constituem um grupo de 65 pessoas, distribuídas em dezessete famílias. A língua por eles falada, está geneticamente classificada no grupo Tupi-Kawahib, Família Tupi-Guarani, Tronco Tupi.

Os primeiros contatos destes indígenas com a sociedade não-índia deram-

se na década de 80, quando da implementação dos projetos de colonização do estado de Rondônia, iniciados pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) na década de 70. Naquela época, já muitos povos indígenas haviam sido contatados - e praticamente dizimados - pela sociedade majoritária. Colonos, mateiros, garimpeiros e seringueiros viviam em constantes conflitos com índios de diversas etnias que lutavam em defesa de suas terras. Suas armas de então, o arco e a flecha, eram de pouca eficiência contra as espingardas e doenças empunhadas pelo "branco".

Este aparente devaneio se faz necessário, para que possa o leitor se situar no momento histórico e econômico em que foram contatados os povos Uru-eu-uau-uau e, com eles, os Amondava.

Até hoje a Área Indígena Uru-eu-uau-uau, com seus quase dois milhões de hectares, rodeando o Parque Nacional dos Pakaás-Novos, tem sido alvo da cobiça dos não-índios: nela encontram-se as nascentes das três bacias hidrográficas que banham todo o estado de Rondônia, sabe-se da existência de jazidas de minérios nobres, como o ouro, além da grande quantidade de madeiras de lei. Permeia a sociedade envolvente a concepção de que "é muita terra pra pouco índio"!

A estratégia dos projetos de colonização foi um engodo para muitos colonos assentados: foram-lhes dados títulos de proprietários de uma terra que pertencia aos indígenas. E nenhuma orientação. Nenhum apoio tecnológico. Nem a menor infraestrutura. Atacados pelos índios, sem maquinarias, consumidos pelas malárias, muitos se viram obrigados a "dar" suas terras a terceiros, hoje grandes latifundiários no estado.

Foi neste clima que os Uru-eu-uau-uau foram contatados. Eram bravos guerreiros, fortes e destemidos. Defendiam-se e si e ao seu espaço com todas as suas forças. Os conflitos com os colonos tornaram-se tão violentos, que a FUNAI se viu pressionada pela população a fazer uma frente de atração liderada pelo indigenista Apoena Meirelles.

Em 1981, deram-se os primeiros contatos amistosos. Assim Mário Arruda descreve sua primeira visão dos Uru-eu-uau-uau, em 13 de março de 1981:

**"Bati o olhar pela janela e vi o campo verde se avermelhando e escurecendo de figuras humanas, muito humanas, despidas de todo preconceito, de toda falsidade, nuas como a pureza, a divindade e o amor.' [...J Eu, porém fiquei muito triste e preocupado pois, em cada brinde que levavam, carregavam, certamente, alguns quilos de dependência e dominação "**

Os Amondava, porém, embora andassem com os Uru-eu-uau-uau, continuaram resistentes às frentes de atração e internalizaram-se na selva mais e mais.

Porém, havia uma índia Amondava casado-se com um Uru-eu-uau-uau e, em seguida ao contato, esta contraíra gripe, morrendo. Ao saberem deste fato, os Amondava revoltaram-se e quiseram guerrear com os Uru-eu-uau-uau. Como resultados da luta levaram o vírus da gripe para a aldeia e muitos Amondava morreram no meio da mata, sem entenderem o porquê. Segundo o cacique Tari (que era então criança) a mortandade foi tão catastrófica que, sentindo-se impotentes e enfraquecidos, resolveram ouvir os conselhos de um Uru-eu-uau-uau que dizia ser a FUNAI amiga, que Apoena era muito amigo, dava rede, panela, roupa, tinha remédio e avião para levar os doentes para o hospital. Aí, então, os Amondava se aproximaram do posto de contato onde estavam os funcionários da FUNAI. Isto se deu por volta de 1986. A partir de então começa a grande saga dos Amondava.

Os escassos documentos que se referem aos Amondava (bem como aos Uru-eu-uau-uau) descrevem-nos como um povo guerreiro, andarilho, nu, homens apenas cobertos pela pintura corporal vermelha e preta, sem estojo peniano, armados de arco e flecha; as mulheres pequenas e delicadas, ajudavam os homens na guerra carregando-lhes os suprimentos de flechas... Homens e mulheres adultas ostentavam nos rostos uma exótica tatuagem feita com resinas silvestres de cor azul-negra. As aldeias encontradas não passavam de tapiris disfarçados sobre as árvores ou, quando muito, malocas cercadas por pequenas roças. Alimentavam-se basicamente da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres. E este é um retrato comum nas descrições das sociedades ditas primitivas.

Em dezembro de 1996, o jovem Tangip Amondava narrou-nos que, antes do contato, "ficava todo mundo junto, Amondava e Uru-eu, porque se entende, fala a mesma língua". Antes, porém, de descobrirem que falavam a mesma língua, havia muita guerra entre eles, principalmente por causa das mulheres, raras entre os Uru-eu-uau-uau. Prova-se que a língua, como fator de intercompreensão, tornou possível a comunicação e a convivência destes povos, que se reconheceram como parentes.

O contato com o não-índio foi marcado pela violência das lutas e doenças que dizimaram os indígenas. À época das primeiras frentes de atração os Amondava contavam cerca de 160 indivíduos. Suas malocas principais situavam-

se às margens do Igarapé Cojubim, onde habitaram até 1986, tendo sido daí levados para o posto de contato Comandante Ari, com a finalidade de receberem tratamento de saúde. Em 1991, estavam reduzidos a 45 pessoas, fixado no Posto Indígena Trincheira, a cem metros dos colonos, submetidos, além do genocídio, também ao etnocídio: ali alguns índios consumiam bebidas alcoólicas, contraíram tuberculose, sofreram aliciamento por parte de madeireiros, além de discriminarem sua própria etnia. O processo de consumo de produtos industrializados e de desestruturação social avançando numa velocidade jamais vista. Diante deste quadro, a FUNAI resolveu transferi-los daquele local para um outro mais interiorizado na área indígena, com o objetivo de afastá-los das relações atropeladoras com os colonos e moradores vizinhos.

Conhecemos os Uru-eu-uau-uau em 1993. Em 1994 fizemos a primeira visita à aldeia Amondava. Eram então 42 índios, vivendo em duas grandes malocas de palha, ainda de arquitetura tradicional, localizadas no centro de um amplo terreno. Cada urna destas malocas abrigava o chefe de uma metade clânica exogâmica e todos os de sua descendência. As metades se denominam por aves: mutum e arara. Pequenas roças, que misturavam espécies arbóreas e rasteiras, de forma aparentemente desorganizada, estavam espalhadas pelas cercanias da aldeia. Os homens saíam para a caça, as mulheres trabalhavam em algum artesanato, lidavam na roça acompanhadas pelas crianças... O povo, acolhedor, gentil e sorridente, aparentava uma situação de miserabilidade e penúria total: crianças desnutridas, dentes cariados, muita gripe na aldeia, pouca comida... às vezes, apenas uma mandioca cozida em "água grande"... Mesmo assim, sorriam sempre. Nunca avançavam em nada e, quando queriam algo, sempre pediam com muita humildade. Era-nos difícil reconhecer naquelas pessoas os bravos guerreiros de poucos anos atrás. Apenas dois anciãos... Muitas crianças... Alguns adolescentes que se maravilhavam diante de um carrinho eletrônico deixado sabem-se lá por quem naquela aldeia... A visão desta cena dantesca comoveu-nos até às lágrimas. O que fizemos a eles? Como conseguem, ainda, sorrir?

Foram-lhes introduzidas as culturas do arroz e do feijão e o estímulo à produção excedente a fim de estabelecerem trocas por bens de consumo da sociedade não-índia: macarrão, café, leite e chocolate em pó, bolachas, laranjas, pão, etc. E tudo era consumido no momento em que chegava. Tudo era distribuído imediatamente a todos. Não se pensava em guardar, em estocar, economizar. As crianças comiam pacotes inteiros de bolachas... No dia seguinte, voltava-se à triste

mandioca. Alguns possuíam rádios à pilha, lanternas, espingardas. As roupas não passavam de molambos sujos. Sua vida, sua saúde, enfim, toda a sociedade encontrava-se fragilizada, à mercê da benevolente autoridade de um funcionário da FUNAI, chamado Chefe de Posto que, embora provido de poucos recursos, buscava ajudá-los a sobreviver. Este Chefe é quem determinava o que plantar, como e em que quantidade; e também o que fazer com a produção. Muitas vezes sentia-se deprimido e impotente diante da demora dos indígenas em entenderem este novo sistema de relações de produção, que afetava toda a sua estrutura social e organização do trabalho.

Este é o quadro em que situamos o povo Amondava para daí analisar as transformações ocorridas no seio desta sociedade, com base nas alterações do sistema produtivo. É o que veremos a seguir.

### ***As transformações na sociedade Amondava***

Analisaremos, nesta seção, as transformações ocorridas na sociedade Amondava com base, principalmente, em nosso trabalho de campo ao longo destes anos, considerando observações acerca de:

- a) a organização social do trabalho;
- b) a organização da família;
- c) as relações com a sociedade não índia;

d) a educação indígena informal versus a educação escolar indígena. Para tanto, deixar-nos-emos conduzir pela concepção evolucionária presente em FARIA (1971) de que as reações recíprocas entre os setores orgânicos estão condicionadas às relações das unidades orgânicas com o meio externo; este ponto de vista será permeado pelos pressupostos da Teoria da Organização preconizado por MORAIS (1977).

Como preâmbulo a esta reflexão, é interessante que nos voltemos um pouco para a História Universal. Estima-se que as primeiras formas de vida surgiram na terra há cerca de dois bilhões de anos. Durante um processo lento e tortuoso de transformações e mutações genéticas, tais formas, unicelulares, alteraram-se tornando-se progressivamente complexas, até o aparecimento do homem. Os tipos humanos foram, então, distinguindo-se pouco a pouco dos primatas que os rodeavam, assumiram a postura ereta e passaram a locomover-se apoiados nos membros posteriores; assim, os membros anteriores desenvolveram-se, aprimorando o sentido do tato e o manuseio dos elementos naturais. Esta transformação permitiu ao homem criar

instrumentos e utensílios fisicamente independentes de seu corpo, como um prolongamento de suas possibilidades anatômicas. Atualmente, acredita-se que as primeiras sociedades humanas se desenvolveram em um nível cultural chamado Pré-História, e que se pode resumir no seguinte quadro:

<p><b>PALEOLÍTICO INFERIOR</b> De 500mil a .C A 30 mil a.C</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Coup de poing (machado manual sem cabo)</li> <li>-Coup de poing aperfeiçoado e lascas de Pedra.</li> <li>-Início do emprego de ossos na confecção de objetos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sociedade comunal</li> <li>-Esboço de Organização Social</li> <li>-Instituição da família</li> <li>-Nomadismo</li> <li>-Domínio do fogo</li> <li>-Rudimentos de linguagem</li> <li>-Indícios de rituais funerários</li> <li>-Primeiras práticas da magia</li> </ul>
<p><b>PALEOLÍTICO SUPERIOR</b> De 30 mil a.C A 18 mil a.C</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Nascimento da arte através da magia;</li> <li>-Utilização de osso e chifres;</li> <li>-Pedras lascadas;</li> <li>-Instrumentos especiais para gravar e esculpir;</li> <li>-Pequenas esculturas;</li> <li>-Bastões de comando;</li> <li>-Auge do trabalho com o sílex;</li> <li>-Lâminas e postas de arpão dentadas;</li> <li>-Atiradores de dardos;</li> <li>-Apogeu da arte das cavernas;</li> <li>-No final,declínio da produção artística.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Organização social mais complexa;</li> <li>-Agrupamentos baseados em famílias e clãs;</li> <li>-Crescimento do sedentarismo;</li> <li>-Desenvolvimento da linguagem;</li> <li>-Maior diversidade dos ritos funerários;</li> <li>-Uso mais freqüente da magia.</li> </ul>
<p><b>NEOLÍTICO</b> A partir de 8 MIL a.C</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Agricultura;</li> <li>-Domesticação de animais;</li> <li>-Teres simples,cerâmicas e barcos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Formação de uma consciência de ser social;</li> <li>-Início de uma vida urbana, organizada em aldeias;</li> <li>-Sedentarismo mais freqüente;</li> <li>-No final, esboço de concepções religiosas</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Emprego do cobre, bronze,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Vida urbana,agrícola e pastoril</li> </ul>

<b>IDADE DOS METAIS A partir de 5 mil a.C</b>	ferro e outros metais -Avanço técnico da agricultura, transporte e industria -Escrita.	-Sociedade estratificada; -Surgimento do Estado e da religião, agora como instituições definidas.
---	---	--

Com esta explanação, queremos tentar estabelecer o momento cultural em que foram contatados os Amondava, há apenas cerca de 12 anos. Se observarmos o quadro anterior, poderemos ousar comparar tal estágio cultural a um período que corresponderia a uma transição do Paleolítico Superior (em termos de organização social) para o Neolítico (em termos de produção) visto que apresentavam estes indígenas organização social em aldeias, agrupamentos baseados em famílias e clãs, ritos funerários, uso freqüente de magia, agricultura rudimentar, fiavam o algodão, teciam redes e fabricavam cerâmica; apresentavam também o domínio de armas como o arco e a flecha, feitos da pupunheira silvestre; os ossos de animais eram utilizados apenas como adornos e o nomadismo era parte de seu ethos. Não tinham o conhecimento da escrita nem do uso de metais. Observemos, também, que estas fases culturais na (pré)-história da humanidade levaram quase 500 mil anos em seus processos de transformação, até o surgimento da escrita e da definição de instituições como o Estado e a religião.

Saltemos, agora, alguns milênios e veremos que os quinhentos anos da história do Brasil já são uma violência ao processo evolucionário dos habitantes primitivos. Imagine-se, então, o que dizer dos parques 54 anos de história de Rondônia! E dos 12 anos de história (conhecida) dos Amondava?

Voltemos, então, à nossa análise, sem perder de vista as transformações da sociedade Amondava provocadas pelas relações do homem com o meio, refletindo sobre os pontos propostos no início desta seção.

#### ***a) A organização social do trabalho***

Como qualquer outro grupo primitivo, os Amondava eram um povo nômade, que praticava a caça, a pesca e uma pequena agricultura de subsistência. Observava-se, entretanto, uma certa divisão social do trabalho, marcada sobretudo pelo gênero, em que algumas atividades eram desenvolvidas pelas mulheres: cuidar das crianças, limpar as malocas, ajudar os homens no plantio e na colheita, manter as fogueiras constantemente acesas, preparar a comida, a chicha, tecer redes e



fabricar artesanatos com ossos e dentes de animais e sementes diversas. Aos homens competia fabricar as armas, caçar, pescar. confeccionar os adornos de penas (cocares), fazer a derrubada e preparar o solo para o plantio das roças, entre outras.

Toda esta organização não pode ser considerada como destinada apenas a satisfazer as necessidades primárias de alimentação, vestuário e abrigo. Segundo Keesing (1958) devemos considerar os principais interesses que as pessoas têm pelo trabalho e pela riqueza. Podemos dizer que os interesses de então se pautavam principalmente na tradição e em finalidades sociais, com base em relatos dos próprios indígenas.

Num destes relatos, um informante nos contou sobre a criação da mulher: antes existiam só homens, e a eles cabia todo o trabalho um deles, o mais velho, que era muito inteligente, decidiu ir à mata e fabricou a mulher da casca de árvore, escondendo-a em sua casa para fazer a chicha. Os outros, por terem provado a bebida tão saborosa, desconfiaram que aquele não era um trabalho do homem. Pressionaram-no até que o sábio contou-lhes como fizera a mulher. E assim cresceu o número de mulheres, destinadas a executar determinado tipo de trabalho para os quais os homens não tinham habilidade.

Um outra narrativa mostra um cunho religioso à instituição do trabalho: o céu, onde mora Tupanangá deus indígena, ficava bem perto da terra. E lá existia todo tipo de plantação. Os parentes que moravam na terra nada plantavam e tudo o que queriam pegavam no céu. Tupanangá ficou furioso, diante da improdutividade de seus parentes e elevou o céu para bem longe, jogando na terra as coisas que não prestavam, animais peçonhentos... Mas deixou também um pouco de terra boa, prados e campos.

Numa das narrativas detectamos com maior clareza a divisão do trabalho por gênero: um jovem costumava levar sua esposa, às escondidas, para a caça com medo que ela mantivesse relações sexuais com os outros índios. Os homens resolveram segui-los um dia e verificaram que eles copulavam seguidamente, o que prejudicava a caçada. Certo dia, quando o jovem saía a caçar, os outros homens foram junto, impedindo que, assim, a mulher o acompanhasse. Lá na selva, mataram o jovem, cortaram-lhe o pênis, o qual trouxe discretamente para a aldeia, junto com uma anta que haviam caçado. Prepararam o pênis do jovem e levaram para a esposa como se fosse carne de anta. Enquanto ela saboreava os homens diziam: sabe o que você está comendo? É o pau da anta. E ela respondia:

Ah! Este pau de anta é muito gostoso! Os homens, então, disseram: que bom que você gosta disso! Você não ia sempre para o mato dormir com ele? A mulher entendeu o que havia acontecido. Ficou tão brava, que morreu. Nunca mais isto aconteceu no meio do povo.

Diante destas e de muitas outras narrativas de cunho mitológico, percebe-se que, tradicionalmente, a violação das regras de divisão do trabalho poderia ser castigada até com a morte. Ainda hoje esta é uma questão muito forte entre os indígenas. Não mais uma morte física, com certeza, mas a perda do prestígio social advinda da discriminação feita aos indivíduos que permitem suas esposas executarem trabalhos próprios do gênero masculino. Muitas vezes ficamos espantados ao ver uma índia carregando pesos enormes à cabeça e o filho agarrado ao seio, em longas caminhadas pela selva, enquanto o índio vai à frente levando as armas, sem nenhum peso! Nada mais lógico para esta cultura: o homem é responsável pela vida de sua mulher e de seu filho, é ele quem tem o domínio do uso das armas e, portanto, cabe-lhe a defesa, a proteção e o sustento da família.

Até 1994 encontramos esta divisão do trabalho na sociedade Amondava. Entre os anos de 1994 e 1995, o grupo deslocou-se para outras localidades rio interior da área, sofrendo novamente as agruras de novas instalações e adaptações ao meio. Foram atacados pelas malárias e algumas vidas foram ceifadas. Em meados 1996, voltaram para uma aldeia mais próxima à aldeia antiga, que haviam reconstruído e depois abandonado. Um novo Chefe de Posto chegou para ajudar o grupo a se reestruturar.

Quando os reencontramos, ao final daquele ano, as formas de produção, visivelmente, apresentavam sensíveis mudanças: as mulheres já não mais participam do plantio e da colheita, restringindo-se a afazeres domésticos; seu mundo fechou-se na aldeia, na casa, nos filhos. As roças tomaram corpo, ao modelo de uma agricultura mais sedentária, visando à produção excedente para a comercialização. Os produtos são vendidos e comprados, e não simplesmente trocados. As panelas de pressão e os fogões a gás são privilégios de alguns, não de todos. Conheceram a energia elétrica, a TV, a antena parabólica, que constituem um bem comum por ter sido adquirido com o dinheiro de todos e fica disponível na escola. Não há mais roças comunitárias e sim roças para cada família nuclear, indicando o estabelecimento da propriedade privada, da mercadoria, e de uma incipiente

economia mercantil simples, pautada em meios de produção muito primários.

De qualquer modo, em tão curto espaço de tempo, é-nos possível verificar a velocidade incrível do processo transformacional da sociedade Amondava, em decorrência das necessidades de desenvolvimento de suas forças produtivas diante das relações com o meio. A imposição do sedentarismo obrigou-os a buscar novas formas de sobreviver, de preservar a espécie; a modificar hábitos de higiene, vestuário, moradia e alimentação. O lidar com o meio através da atividade objetivada, principalmente no que tange a sua própria capacitação para compreender o objeto novo, proporcionou-lhes melhor qualidade de vida, a redução da mortalidade e o aumento populacional (de 45 em 1994, para 65 em 1997) e a busca da melhoria dos meios de produção. É muito difícil, porém, conceber como benéficas ao espírito deste povo estas transformações, se considerado que o espaço de tempo é ínfimo para se afirmar que elas advêm do respeito às capacidades materiais e das condições de adaptações ao meio que podem ter sido usadas como defesa pelos membros desta sociedade.

#### ***b) A organização da família***

A organização familiar Amondava estabelece-se em metades clônicas exogâmicas denominadas por aves: mutum e arara. O casamento se dá entre membros de metades diferentes. Isto se podia observar claramente na organização das malocas, em 1994. Eram duas grandes malocas ovaladas, totalmente construídas em palha. Dentro de cada uma delas habitavam os chefes das metades, mais os de sua descendência: suas filhas e filhos solteiros, suas filhas casadas e seus esposos e filhos. Cada família nuclear alojava-se ao redor de um esteio lateral e de sua própria fogueira. Hábitos de poligamia e poliandria fraterna eram mais visíveis, bem como o do levirato. Quando havia um casamento, o novo esposo passava a morar na casa de seu sogro e a participar do cultivo comum do solo que pertencia à metade social de sua esposa, a ele antecipadamente prometida.

Hoje, a disposição espacial da aldeia revela claramente o esfacelamento do sistema social, da organização familiar : há casas de paxiúba para cada família e cada família possui o seu próprio roçado. A autoridade dos líderes de cada metade, mutum e arara, esvaíram-se ante a autoridade do Chefe de Posto.

Detectamos um matrimônio entre membros da mesma metade (arara), o que indica violação na regra de casamentos da organização social tradicional. Esta quebra de regra pode ter sido gerada pelo menor número de mulheres disponíveis para o casamento, na metade oposta. Há apenas um caso em que um homem possui mais de uma esposa; e ele é o mais idoso. Alguns jovens indígenas já não querem desposar mulheres índias; preferem as "brancas".

Apesar de iniciada a transformação da constituição familiar, o sistema de parentesco ainda não apresenta modificações radicais: uma criança chama de mãe também à irmã de sua mãe e o irmão de sua mãe é seu sogro potencial. A nomenclatura relativa ao parentesco reflete possibilidades de cruzamentos consangüíneos entre os indivíduos da sociedade Amondava. E se não são encontradas pessoas com deficiências físicas e/ou mentais entre o grupo, isto se deve à prática do infanticídio, existente até hoje.

A pintura facial, de cunho mitológico, faz parte de um ritual de iniciação para homens e mulheres. Nos homens, ela serve de proteção na floresta, para que não se percam ou sejam agarrados por animais ferozes. Eles precisam voltar sempre porque a sobrevivência de sua família, em termos de alimentação, depende de seu trabalho. Nas mulheres, significa, além da proteção própria, também a proteção de seus filhos contra a cobra grande e de seus esposos nas caçadas e andanças. Percebemos, no entanto, que alguns jovens já não mais permitiram a pintura facial, porque dói e é feio, segundo eles. Algumas mulheres mais jovens também não desejariam terem sido tatuadas, pelos mesmos motivos, no entanto, a elas não é dado, ainda, o direito de decidir sobre isto. O que vemos? Uma nova concepção de beleza, que derruba o mito e, com isso, a preocupação com a segurança da família e de si próprios.

Toda esta reorganização familiar - comprovada através da distribuição espacial das casas na aldeia, da primeira violação às regras de casamento e do descrédito ao mito - demonstra que se iniciam transformações em uma estrutura familiar com características altamente punaluanas, para outra estrutura, arraigada na monogamia, trazendo consigo, conseqüentemente, o adultério e a prostituição, típicos de uma sociedade dita civilizada.

### ***c) As relações com a sociedade não-índia***

A partir dos contatos iniciais as relações dos Amondava com a sociedade não-índia foram decisivas no processo das transformações. O genocídio e o

etnocídio rasgaram abruptamente o seio daquela comunidade. A luta pela sobrevivência obrigou-a a modificar celeremente seu sistema produtivo, o que descambou para transformações radicais do processo de produção. A medicina tradicional foi quase que totalmente esquecida com a morte dos anciãos. Já não há mais pajelança e as festas são raras. As belas cantigas noturnas das mulheres ao luar foram substituídas por pagodes ou toada dos rádios de pilha. As conversas coletivas e histórias contadas pelo cacique perderam-se diante da magia da imagem televisiva. A tatuagem facial já não mais é tida como bela. A classificação onomástica das pessoas, que caracteriza o papel que cada elemento desempenha na sociedade em determinada fase de sua vida, começa a cair em abandono: detectamos um nome bíblico (Davi) em um bebê que, pela sua descendência, sexo e fase de vida, deveriam chamar-se Tevu.

Todas estas mutações nas células que constituem a sociedade Amondava se devem às suas relações com a sociedade não-índia. As constantes saídas da aldeia, principalmente dos homens, para comercializar produtos dão uma nova direção àquele grupo: à medida que novos conhecimentos vão sendo acumuladas, novas necessidades vão surgindo. Necessidades de TER e de SER. Ter o que sociedade não-índia tem, em termos de bens de consumo. Ser índio. Estas necessidades, porém, são antagônicas pela sua natureza e, diante da incompreensão que os próprios índios demonstram acerca deste processo transformacional avassalador, o SER torna-se infinitamente menos importante do que o TER. Porque TER é infinitamente mais importante para se ESTAR VIVO e não serem os índios discriminados como de fossem "bichos do mato".

Assim, o consumismo se instala, gerando uma espécie de desordem capitalista numa sociedade em que apenas aflora uma incipiente economia mercantil simples. Até mesmo para nós, analistas e observadores, não é muito simples compreender um processo que, à primeira vista, parece-nos ter resultado num verdadeiro caos sócio-econômico, político e religioso. Sob o ponto de vista humanístico, seríamos tentados a dizer que tudo isto representa o rápido desaparecimento de uma sociedade. Sob o ponto de vista evolucionário, somos levados a concluir que as transformações - muitas vezes por nós consideradas radicais - são "males" necessários à preservação das espécies

e, conseqüentemente, das sociedades.

**d) A educação indígena informal versus a educação escolar indígena**

O que consideramos educação são os processos de transmissão dos conhecimentos. Podemos, então, afirmar que tais processos são seguramente informais nas sociedades tribais? Não há formalidade quando o pai leva o filho à caça, à pesca, para ensinar-lhe o trabalho? Quando lhes ensina a fazer arcos e flechas e a dominar o uso das armas? Não há formalidade quando os mais velhos contam os mitos e tradições ante os olhos perscrutadores e os ouvidos atentos dos mais jovens? Nem quando as meninas aprendem com suas mães a fiarem o algodão, tecerem as redes, colherem o milho e fazer a chicha? Talvez, estas formalidades sejam por nós classificadas como informais porque suas formas são diferentes das de nossa sociedade, que nos orienta a enquadrarmos nossos filhos entre as paredes de uma escola incompetente para mascarar nossa incompetência em educá-los para a vida.

O povo Amondava há apenas cerca de quatro anos teve a visão de coisas escritas e entendeu ser esta uma arma valiosa para sua sobrevivência. Quiseram, então, os indígenas, ter acesso a esse bem cultural que permite ao homem a comunicação à distância. Tiveram o esforço de uma jovem professora não-índia que, debalde, tentava alfabetizá-los em língua portuguesa, visto que a língua falada pelos índios ainda era ágrafa. Ora, a aquisição da leitura e da escrita não é uma das coisas mais simples, mesmo na língua materna, imagine-se, então, ser-se alfabetizado em uma segunda língua mal dominada pelo aprendiz!

A pedido dos índios desenvolvemos pesquisa lingüística, propusemos um alfabeto e elaboramos uma cartilha experimental na língua materna com a ajuda de dois falantes nativos. Treinamos unia professora não-índia que, com o auxílio dos seus alunos, busca desenvolver um ensino bilíngüe. Assim a escola foi reativada na aldeia. A nova metodologia surtiu melhores resultados, pois facilitou aos aprendizes a compreensão de como se dá este processo de representação simbólica e a possibilidade de representar os sons de sua língua através da escrita. A partir daí, é mais fácil aplicar este conhecimento a uma segunda língua.

A aquisição da leitura e da escrita se instituiu, então, como uma meta a ser alcançada por todos: homens, mulheres e crianças, como uma espécie de

salva-vidas. Ante a ansiedade dos indígenas, muitas vezes, temos enfrentado suas frustrações e as nossas próprias. Mas há momentos de sucessos. A necessidade que sentem em aprender ler e escrever é imensa. É espantosa a velocidade com que alguns o conseguem.

Projetos governamentais (como os Projetos de Apoio à Iniciativa Comunitária - PAICs, que se originaram dentro do Plano de Desenvolvimento Agro florestal de Rondônia - PLANAFLORO) obrigam comunidades indígenas, ribeirinhas e extrativistas a se organizarem em associações, cooperativas e outras do gênero, a fim de buscarem recursos financeiros para a saúde, a educação, as alternativas econômicas e questões ambientais. Estas comunidades, em detrimento do parco domínio da leitura e da escrita, não compreendem, de fato, o sistema em que se sentem obrigadas a ingressar e, atabalhoadamente, "organizam-se" em instituições que não sabem como lidar com a burocracia, com os papéis, enfim.

Muitos povos indígenas de Rondônia, a exemplo de outros povos indígenas do Brasil, já se organizaram em associações e cooperativas. Assim também o fizeram os Amondava. Como os outros, sentem que as relações políticas e econômicas com a sociedade não-índia são necessárias à sobrevivência de sua própria sociedade. Mesmo sem compreenderem a essência de tais relações, sabem que precisam dominar a língua portuguesa, a leitura de documentos, os sistemas de contagem, pesos e medidas de um mundo externo completamente diferente do seu. Pensam poder conseguir tudo isto através da escola.

O advento da educação escolarizada, seguramente, trará profundas transformações à sociedade Amondava. A palavra escrita torna-se, agora, nos dizeres de Faria, a matéria básica sobre a qual se exercem as atividades econômicas destinadas à produção de consumidores sem necessidades naturais.

### ***Considerações finais***

As reflexões desenvolvidas no corpo deste trabalho permitem-nos concluir que o quase incontrolável surgimento de novas necessidades, em tão curto espaço de tempo, foi a causa das novas e céleres transformações na biologia social do povo Amondava.

Novas divisões do trabalho, novos sistemas produtivos, mudanças na estrutura familiar e prenúncios de mutações no sistema de parentesco se refletem na ocupação espacial das malocas, bem como em sua atual

distribuição geográfica na aldeia. Aliada a tudo isso, a televisão - comprada pelos índios e ligada à noite na maloca escolar - desperta e estimula necessidades não-autênticas em um povo que ainda nem conseguiu suprir suas necessidades autênticas.

No curto espaço de 12 anos assistimos a um processo de transformações sociais em uma velocidade jamais vista. Após o contato com a sociedade majoritária, este povo passou por uma fase de declínio e, agora, reinicia uma desenfreada corrida para um suposto aclave (verificável no crescimento populacional). Nós, que participamos desta história, ficamos embasbacados e estarecidos sem compreender o que está realmente acontecendo e como está acontecendo. Por isso buscamos refletir sobre o porquê de estar acontecendo.

Como compreender que o desenrolar de um caminho evolutivo que o homem, hoje dito civilizado, levou mais de 500 mil anos para trilhar possa ser tão violentamente reduzido? A análise da celeridade com que ocorrem estas complexas transformações sociais permite-nos refletir sobre quão tortuosos são, para a sociedade, os seus resultados.

Não queremos, aqui, porém, deixar-nos envolver pela romântica concepção que permeia o pensamento de muitos antropólogos e pesquisadores da atualidade, de que as sociedades primitivas devem permanecer isoladas, fechadas em uma redoma de vidro, para salvar, preservar a cultura tradicional. Cremos que esta postura fragiliza mais ainda estas sociedades, pois a partir do momento em que se estabelece o contato, o processo de aculturação é irreversível e o mais fraco é sempre dominado; sua sobrevivência dependerá unicamente de sua capacidade de adaptação ao novo meio, de suas relações com o mundo externo. E isto que proporciona a segurança do grupo, do meio interno.

Toda e qualquer sociedade, até as mais primitivas, organizam-se em torno das relações de trabalho. É exatamente este o ponto em que se radicam as transformações e de onde partem todas as outras. O homem é, como os outros seres biológicos, um mutante. A sociedade não é estática. Sua firmeza e estabilidade pautam-se sobre o movimento resultante da força gerada pela energia que o homem busca na natureza para reproduzir-se e manter-se vivo. Desta busca resulta o trabalho.

A visão que hoje temos da sociedade Amondava, embora pareça-nos caótica,



pode ser, com certeza, descrita como uma "desorganização organizada". Os indígenas buscam meios para melhorar sua qualidade de vida; buscam aliados que possam ajudá-los a compreender e participar de um mundo novo, diferente, histórica e contextualmente cruel para com as sociedades tribais.

Com a instituição da educação escolar vislumbra-se uma nova fase transformacional: um rapaz que quer ser professor, uma mulher que quer aprender a costurar à máquina..., dentro em pouco surgirão especialidades em diferentes áreas do trabalho e uma nova economia se instalará, através de novas divisões no processo produtivo.

Assim, consideradas as relações dos homens entre si e com o meio envolvente, constatamos que as necessidades de adaptação para garantir a sobrevivência da espécie geram transformações. Desta maneira podemos compreender, com maior clareza, a necessária (r)evolução ocorrente na sociedade Amondava.

### **BIBLIOGRAFIA**

- ALVARADO, Humberto Flores. *Manual de Antropologia*. Vols. 1 e 2. Honduras: C.A, 1976.
- BARNARD, Alan e GOOD, Anthony. *Research practices in the study of kinship*. London: Academic Press. 1984.
- CARDOSO, Maria Lúcia. *Parecer Antropológico sobre os limites territoriais da área indígena Uru-eu-uau-uau*. Porto Velho: FUNAI, 1989 (mimeog.)
- COSTA, Mário Arruda. *Uru-eu-uau-uau: relato de urna expedição de primeiros contatos*. In: Anuário de Divulgação Científica, Vol. 10. Goiás: Universidade Católica de Goiás, Instituto de Pré-História e Antropologia, 1984:147-180.
- ENGELS, Federico. (1 895-1896) *El papel del trabajo en la transformación del mono en hombre. II - 20002-MCMXC* [s.d.]
- . *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 3. Ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- FARIA, Álvaro de. *Da Babel à Comunicação; uma imagem do sentido da Existência*. São Paulo: Matra, 1971.
- Tempos de Mutação*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.
- Homem, o mago pensado: Pensar, que é?* São Paulo: EDICON, 1984.
- GRANDE *História Universal, Vol. I* Bloch Ed.
- KEESING, Felix M.(1958) *Antropologia Cultural: a ciência dos costumes*. Trad. de José Veiga (Vol. 1) e Waltensir Dutra (Vol. 2). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- LIMA, Abnael Machado de. *Terras de Rondônia*. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE,1991.
- MORAIS, Clodomir Santos de. *Elementos de Teoria da Organização*. Brasília:

IATTERMUND, 1997.

RIELI, Franciscato. *Amondava Urgente*. Porto Velho: FUNAI: 1991. (Relatório)

SAMPAIO, Wany e ASSUNÇÃO, Giselle. *Levantamento de dados lingüísticos e culturais do povo Amondava*. Porto Velho: PIBIC/UNIR/CNPq, junho/1994. (Relatório).

**SAMPAIO, Wany. *Quem são os Uru-eu-uau-uau: Panorama etno-histórico; Panorama etnográfico*. 1996 (não publicado)**

SILVA, Vera da. *Uru-eu-uau-uau (Amondava): de indígenas a indigentes, uma história de perdas*. Porto Velho: PIBIC/UNIR/CNPq: junho/1 997. (Relatório)

\***Wany Sampaio**. Mestre em Linguística. Lotada no Departamento de Letras da UNIR